



ESTÁGIO E APRENDIZAGENS:

UM DIÁLOGO ENTRE O DEDC XV – (UNEB) E AS ESCOLAS CAMPO

Taylane Santos do Nascimento[i]

Ana Lúcia Nunes Pereira[ii]

Eixo Temático: Educação, Sociedade e Práticas Educativas.

RESUMO

Este texto apresenta um estudo sobre o estágio e as suas relações com as escolas-campo no Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia – DEDC XV – UNEB - Valença/BA. O objetivo principal dessa pesquisa foi analisar as contribuições do Estágio Supervisionado do Curso de Pedagogia para as escolas-campo de estágio no município de Valença/BA, a fim de compreender que aprendizagens são mobilizadas nesses espaços. Assim sendo, este trabalho pautou-se pelas seguintes questões norteadoras: O que pensam as escolas-campo sobre o estágio?

Quais as contribuições do estágio para essas escolas?

Que aprendizagens são mobilizadas durante o estágio nesses espaços?

A metodologia utilizada foi pesquisa qualitativa com aplicação de questionário. A significação desta pesquisa está na suscitação de reflexões a cerca do estágio supervisionado neste Departamento de Educação.

PALAVRAS-CHAVES: Estágio Supervisionado. Formação Docente. Escolas-campo.

ABSTRACT

The text shows a study about the stage and its relationships with the field-schools from the Education Department of the State University of Bahia – DEDC XV – UNEB – Valença/BA. The main purpose of this research was to analyze the contributions of Supervised Internship of the Pedagogy Course for the field-schools in the town of Valença/Ba in order to comprehend which kinds of learning techniques are done in these places. Thus, this research, was based in these following guiding questions: What do these field-schools think about the internship?

Which are the contributions of the internship for these schools?

What learnings are mobilized during the internship in these spaces?

The methodology used was qualitative research with an application of a questionnaire. This research is significant because it arouses reflections about the supervised internship in this Department of Education.

KEY WORDS: supervised internship; field-training schools, education.

INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado, etapa obrigatória nos cursos de formação de professores, proporciona discussões sobre o processo formativo dos profissionais da educação, sobretudo nos cursos de Pedagogia. Essas discussões têm ganhado um espaço de legitimação cada vez maior na academia.

Diante desse contexto, este trabalho apresenta um estudo sobre o estágio no *Campus XV* do Departamento de Educação (DEDC) da Universidade do Estado da Bahia – UNEB e as suas relações com as escolas-campo da cidade de Valença.

Há pouco mais de 16 anos, este departamento forma Pedagogos para atender à demanda existente nas escolas de todo o território do Baixo Sul e municípios circunvizinhos. Mesmo não sendo a única Instituição de Ensino Superior a ofertar o curso de Pedagogia neste espaço, a UNEB é pioneira na preparação de profissionais do magistério e, por meio do ensino, pesquisa e extensão, proporciona maior contato com a população de modo a conhecer as singularidades dos municípios integrantes de um território tão plural.

Em observância à trajetória do *Campus XV* na formação de professores, compreendemos que a relação entre a Universidade e a comunidade é fundamentalmente importante, sobretudo quando se trata de ouvir as demandas emanadas pela sociedade, representada pela escola e os indivíduos que nela circulam.

Diante disso, intriga-nos saber: O que pensam as escolas-campo sobre o estágio?

Quais as contribuições do estágio para essas escolas?

Que aprendizagens são mobilizadas durante o estágio nesses espaços?

Para tanto, buscamos analisar as contribuições do estágio para as escolas-campo buscando compreender que aprendizagens são mobilizadas nesses espaços. O delineamento metodológico deste trabalho se deu através pesquisa qualitativa, tendo como instrumento para coleta de dados o questionário.

Sendo assim, este artigo apresenta uma reflexão sobre o que estes professores pensam acerca do momento do estágio, suas concepções da relação (ou da não relação) entre teoria e prática quando se trata da observação feita sobre a ação do estagiário, assim como as contribuições que este momento propicia ao trabalho pedagógico da escola e do professor, quando se trata de aprendizagens da profissão docente.

Assim, este estudo se constituiu como elemento de fundamental importância para o *campus XV*, uma vez que possibilita, a partir da pesquisa, suscitar reflexões acerca da importância do estágio supervisionado neste Departamento de Educação, bem como conhecer as aprendizagens que são mobilizadas durante sua realização e as aprendizagens mobilizadas na formação do Pedagogo, especialmente durante o estágio.

OS CAMINHOS DA PESQUISA

Quando nos propusemos a estudar acerca das aprendizagens da profissão docente, buscávamos registrar as suas contribuições para as escolas-campo do município de Valença e entrelaçar as discussões teórico-práticas que permeiam o campo do estágio no Brasil às atividades desenvolvidas na formação dos pedagogos no *campus XV* da UNEB.

O delineamento metodológico se deu, com uma pesquisa de cunho qualitativo. Seu elemento fundante está na realização de uma consulta a campo, cujo resultado servirá como base para uma análise qualitativa, após estudo dos questionários respondidos pelos seis professores das escolas-campo, que recebem, a cada semestre, os estagiários do curso de Pedagogia do *campus XV*. Vale ressaltar que a escolha desses professores se deu em virtude de estes virem recebendo estagiários constantemente ao longo dos 16 anos de existência do DEDC XV.

Nesse intuito, realizamos uma consulta a campo por meio da utilização de questionários, organizado com oito perguntas, divididas em três blocos, tendo em vista a obtenção de categorias que encaminhasse a realização deste estudo.

Nesse sentido, o primeiro bloco do questionário da consulta a campo se compôs com três perguntas, com vistas à compreensão da forma como as escolas, representadas por seus professores, pensam sobre o momento do estágio. Com o segundo bloco, composto por quatro perguntas, aspirávamos entender que contribuições o estágio proporciona às escolas. Por fim, o terceiro bloco, composto por dois questionamentos, objetivou apresentar as aprendizagens da profissão docente mobilizadas durante a realização do estágio nesses espaços escolares, tanto para o professor, quanto para o estagiário.

Salientamos aqui que a colaboração dada pelos professores das escolas-campo de Valença é importante para as reflexões contidas nesse trabalho e, para tanto, seus nomes, formação e locais de trabalho serão preservados para garantir o compromisso da ética e do sigilo firmado na carta de apresentação da consulta a campo, entregue a cada professor participante no momento em que convidamos-os a participar desse processo. Para tanto, os questionários foram numerados sequencialmente de 1 a 6, por ordem de devolução, ao tempo em que os professores passaram a ser chamados de Professor A, B, C, D, E e F, respectivamente.

Durante o processo de construção desta pesquisa, fizemos uma discussão teórico-prática acerca das concepções de estágio e o percurso de desenvolvimento deste campo no Brasil. Embasadas por este estudo, questionamos aos professores: *O que é o estágio?*

A partir dessa referência, pudemos destacar percepções distintas entre professores que possuem a mesma formação e atuam em espaços e níveis distintos no Ensino Fundamental.

Ao serem assim questionados, notamos que maior parte desses professores (quatro) compreendem o estágio como "a parte prática do curso", cuja realização se dá no intuito de "aplicar" um conhecimento teórico obtido em um determinado curso. É a partir de tal percepção que Pimenta (2001, p. 28) enfatiza "um primeiro entendimento do conceito de prática", restrito semanticamente à ideia do "fazer, realizar, reproduzir", em contraponto à teoria. Pimenta e Lima (2005, p. 6) ressaltam, portanto, que tal forma de pensar o estágio constata que o curso de formação de professores, neste caso específico, a Pedagogia, não relaciona a teoria à prática, ao tempo em que esta última é vista enquanto uma instrumentalização técnica.

Nesse sentido, não foi raro constatar, na opinião dos professores, locuções de que o estágio "é uma parte de

um curso ou aprendizagem demonstrada na prática, considerando-se/devendo-se considerar teorias, estudos, pesquisas, reações, desenvolvimento, aplicabilidade, registros de todo o processo”, conforme explica o Professor A. Nessa mesma linha, complementa o Professor B, que “é a etapa de aplicação do conhecimento obtido em um determinado curso”, ao tempo em que o Professor E ressalta que “é um momento de aperfeiçoamento do aprendido em um determinado curso, onde o indivíduo é oportunizado a por em prática os seus conhecimentos”.

Por assim pensar,

Essa compreensão tem sido traduzida, muitas vezes, em posturas dicotômicas em que teoria e prática são tratadas isoladamente, o que gera equívocos graves nos processos de formação profissional. A prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida reflexão pode reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria ou de uma teoria desvinculada da prática (PIMENTA E LIMA, 2005, p. 9).

Diante de tais percepções, teoria e prática são tratadas enquanto categorias distintas, com pouca ou nenhuma relação, ao tempo em que esta última é apresentada como espaço para o desenvolvimento de habilidades que sejam importantes para o desenvolvimento da ação docente.

Em contrapartida, o Professor C ressalta que o estágio “é um momento de aprendizado pessoal e profissional”, visto também como um “meio de inserção na realidade escolar, em que há a aproximação da teoria ao exercício da profissão”. Nessa enunciação, notamos a percepção de que o estágio mostra-se como momento propício a relacionar teoria e prática, ainda percebidas enquanto categorias distintas, com aparente relação. Essa é a percepção que, segundo Pimenta e Lima (2005, p. 14), provoca algumas indagações, a exemplo do questionamento de que aproximação da realidade seria esta. Assim,

A aproximação à realidade só tem sentido quando tem conotação de envolvimento, de intencionalidade, pois a maioria dos estágios burocratizados, carregados de fichas de observação, está numa visão míope de aproximação da realidade.

Há de salientar, porém, o destaque dado ao estágio enquanto espaço destinado à troca de experiências, cujos envolvidos aprendem por meio do que é vivenciado nesse período. É o que se destaca na exposição do Professor D, ao explicar que o estágio “é um período que todo ser passa para adquirir um determinado conhecimento, fazendo experiências naquilo que é novo. É um período de observação e troca de experiências”. Diante dessa concepção apresentada, podemos então inferir que o “período do Estágio/Prática de Ensino, mesmo que transitório, pode tornar-se um exercício de participação, de conquista e negociação sobre as aprendizagens profissionais que a escola pode proporcionar” (LIMA, 2008, p. 201), possibilitando a troca de experiências tão explicitada na fala do Professor D.

Elencada a essas discussões aqui apresentadas, a segunda pergunta feita aos professores assim fora elaborada: *Como você se sente quando um estagiário é encaminhado à sua sala de aula?*

Os Professores A, C e E, em breves palavras, afirmaram que se sentiam bem, pelo fato de ainda existirem

pessoas interessadas na arte de educar e também por poderem colaborar com os estudos dos estagiários.

Em contrapartida, o Professor B explica, na perspectiva da indissociabilidade da teoria-prática, que o sentimento de receber o estagiário proporciona reflexões sobre a ação docente: "Gosto de poder partilhar de momentos de reflexão em torno da minha prática docente. *Me sinto mais motivada em saber os impactos que causam no aluno uma nova metodologia*". Nesse sentido, o estágio é percebido como uma oportunidade de formação e autoformação, cujas teorias contribuem para a prática e esta é ressignificada quando se reflete sobre as ações desenvolvidas na sala de aula, no intuito de garantir uma aprendizagem que seja significativa ao aluno. Ora, assim o estágio se apresenta como "atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade" (PIMENTA E LIMA, 2005, p. 14), aproximando-se do conceito de estágio enquanto oportunidade de realização da práxis docente.

Nesse mesmo pensar, o Professor F complementa que na recepção do estagiário, sente-se "responsável por criar situações e atividades que possibilitem experiências durante o processo de observação". Tal afirmação nos faz rememorar os estudos de Lima (2008), ao referir-se às lições possibilitadas pelo estágio, sobretudo por destacar a *lição da observação e atuação na sala de aula*, pois é necessário que

[...] o estagiário aprenda a exercitar um olhar pedagógico e atento para entender o que há de estranho nas coisas comuns. Quando estamos atentos para o movimento da sala e seu cotidiano, podemos verificar o que não se aprende, o que se ensina, a interação entre os alunos, as possibilidades e contradições entre alunos e professores (p. 203).

Associada a isso está a afirmação do Professor D: "Eu me sinto um privilegiado em poder contribuir com o aluno que vem [de uma] unidade do Ensino Superior em busca de novas experiências". Diante dessa revelação, Lima (2012, p. 74) enfatiza que o professor que recebe o estagiário tem um papel formador de essencial importância, pois estes, muitas vezes, se apoiam nos estagiários, possibilitando a existência de um diálogo sobre ensinar e aprender a profissão.

Ante ao exposto, a terceira pergunta do questionário encerra o primeiro bloco que se relaciona à categoria "concepções de estágio", anteriormente apresentada no início deste capítulo. Assim, organizamos a seguinte pergunta: *Como o estagiário articula a teoria e a prática durante a realização do estágio?*

Essa questão chega ao cerne da discussão e possibilitou a revelação de contradições entre o que o professor entende por estágio e como concebe a relação teoria-prática.

Destacamos, então, duas percepções distintas. Por um lado, prevalece a ideia de que a o estágio, assim como a ação educativa, é algo estanque, um produto resultante da imitação de modelos ou da verificação da aplicabilidade de teorias na prática; por outro, a articulação teoria-prática se dá na concepção do "estágio como pesquisa/a pesquisa no estágio" e na reflexão da prática docente, cujas ações criativas possibilitam contribuir no desenvolvimento de novas formas de ensinar e aprender.

Em consonância à primeira percepção, o Professor A compreende que tal articulação se dá "fazendo uma relação do desenvolvimento pedagógico [a prática/a escola em movimento] com os estudos teóricos,

buscando perceber e refletir quanto há de proximidade/dinâmica entre o processo de ensino-aprendizagem e os pressupostos teóricos”.

Percebemos, dessa forma, que na fala do professor é explicitada a superioridade do conhecimento teórico-científico como algo pronto e acabado, restando ao professor verificar se a teoria se aplica à prática, sem a possibilidade de transformá-lo por meio da resignificação do conhecimento. Areladas a essa ideia, estão as falas dos Professores C e E, quando estes afirmam, respectivamente que “a articulação se dá entre as relações: professor x estagiário, estagiários x alunos e gestão escolar” e “apontando, em alguns casos, formas lúdicas de trabalhar os conteúdos”. Tal posicionamento demonstra o que Pimenta e Lima (2005, p. 8) vão denominar por “prática artesanal” por imitação de modelos, enquanto a teoria pouco (ou não) auxilia na possibilidade de mudança da realidade escolar, sem necessariamente compreender o impacto da ação docente no processo de ensino-aprendizagem e na formação do estagiário e do professor.

De modo contrário, na segunda percepção, afirma o Professor B que o estagiário articula a teoria e a prática “a partir de um projeto feito após observações [quando] o estagiário utiliza estratégias que acredita [ser] possível de melhorar o desempenho dos alunos”. Assim, complementa o Professor D que “[...] através da observação feita, ele [o estagiário] promove meios facilitadores para haver uma aprendizagem significativa”. Já o Professor F afirma que essa articulação se dá “de forma sistemática e orientada, de acordo com a rotina escolar, com o aluno em sala de aula e em especial com as atividades significativas e contextualizadas”.

Ora, nas falas contempladas no parágrafo anterior, percebemos que a teoria e a prática estão imbricadas no processo de ensinar e aprender, durante a realização do estágio nas escolas-campo. A indissociabilidade da relação teoria-prática, ou como Pimenta (2001) vai denominar por “unidade”, fica evidente quando o professor compreende que, por meio da realização da pesquisa no estágio, a teoria, além de tornar a pesquisa e o estágio significativos, contribui para a intervenção e transformação da ação educativa no espaço escolar, o que ponderamos anteriormente por práxis docente.

No que concerne à composição do segundo bloco de questões organizado no questionário, são apresentadas três perguntas, cujas respostas dos professores consultados proporcionam uma análise quanto às contribuições que o estágio proporciona às escolas-campo. Seria precipitado afirmar que há, porém é interessante registrar o que pensam os professores sobre tal questão.

Assim, questionamos então aos professores: *Como você vê a relação entre o estagiário e a escola?*

A partir das respostas obtidas, compreenderíamos se o professor percebe a relação de troca de conhecimentos, de formação e autoformação, ou se o professor compreende que o estagiário, conforme destaca Pimenta e Lima (2005, p. 14-15), dirige-se à escola para “dizer o que os professores devem fazer”, como se este se caracterizasse enquanto detentor do conhecimento.

Nesse sentido, o Professor A expõe que essa é uma relação “de conhecimento, envolvimento e abertura à vida escolar/educativa, e de preocupação em ter um bom desempenho nessa etapa de sua formação”. Ao acompanhar esta ideia, complementa o Professor B que o estágio é uma parceria e ressalta que “precisa se efetivar além do período de estágio, de modo que a Faculdade e a escola estejam sempre em contato”. Portanto, compreendemos, a partir de então, que o estágio apresenta-se como um momento importante, na qual universidade, escola, estagiário e professores se relacionam e colaboram mutuamente para a construção

de conhecimentos e para a intervenção na realidade escolar. Diante disso, Lima (2008, p. 203) enfatiza que tal fato aponta uma aprendizagem importante mobilizada durante o estágio: as “lições decorrentes da interação de saberes”.

Para esta autora, o estágio possibilita

o estudo das relações estabelecidas no encontro/confronto de professores da universidade, docentes da escola de educação básica e estagiários, cada um com os seus valores, visões de mundo e experiências diferentes, abre espaço para descobertas: Qual o papel da universidade?

Qual o papel da escola?

Quem é o estagiário?

Que cultura de magistério permeia o Estágio?

Deste modo, os Professores C e D apontam que essa se caracteriza por uma relação interpessoal positiva, ao tempo em que o Professor C ressalta que “a escola é o lugar ideal para as vivências necessárias para um estagiário desenvolver e aproximar teoria e prática”. Com isso, pensamos que a ação docente, na visão do Professor C reduz-se à prática, embora este compreenda que a aproximação da teoria-prática é fundamental para a formação do estagiário e para a escola. Isso nos faz compreender também que as atividades de estágio desenvolvidas no *campus XV* apresentam seu enfoque na práxis pedagógica, pois na fala do Professor D, é importante salientar que a relação entre professor e estagiário se dá por meio de “oportunidades. [...] Analisamos que o estagiário é um motivador nas possibilidades de aprender”, pelo fato de suas ações estarem vinculadas à pesquisa e à intervenção no processo de ensino-aprendizagem.

Nessa perspectiva, questionamos numa visão ampla do estágio na escola: *O estágio contribui para o trabalho pedagógico da escola?*

O professor E expõe que “às vezes sim” e complementa que “isso poderá ocorrer no período de observação *aonde* o mesmo poderá levantar determinados dados ainda não visto pela unidade escolar”. Frente a essas colocações, o estágio leva à escola a contribuição da investigação do cotidiano da escola. Para Pimenta e Lima (2005, p. 14), a pesquisa no estágio se caracteriza como “método de formação dos estagiários futuros professores, se traduz pela mobilização de pesquisas que permitam a ampliação e análise dos contextos onde os estágios se realizam”.

Há de salientar, dessa forma, que a realização da pesquisa no estágio possibilita também a mobilização de lições decorrentes dos processos de investigação, ao tempo em que Lima (2008, p. 203) destaca a necessidade de, constantemente, promover atividades que tenham o objetivo de superar as dificuldades no processo de ensino-aprendizagem. Nesse viés, o Professor F afirma que “além de elaborar os projetos de investigação, o estagiário poderá aplicá-los, assumindo, pela primeira vez, a postura de professor”. Complementam os Professores que

[...] Porque é uma experiência que sempre traz intercâmbios. Há troca/partilha de projetos e práticas pedagógicas. É também um momento de crescimento para os

(as) estagiários (as) e para a escola (PROFESSOR A).

[...] Enriquece as discussões em torno das teorias de ensino-aprendizagem, trazem novas experiências para a sala de aula, além disso, as crianças gostam da presença dos estagiários (PROFESSOR B).

[...] É na troca de experiências que se constroem novos saberes (PROFESSOR C).

[...] O estágio é um período de troca de experiências, eles [os estagiários] contribuem com as novas tendências da práxis pedagógica, pesquisam e aplicam dentro da realidade da escola (PROFESSOR D).

Ante o exposto, percebemos que o estágio se caracteriza não somente como uma etapa obrigatória na formação do professor/estagiário, mas também como uma oportunidade que os envolvidos têm de relacionar experiências na construção de novos saberes. Dessa forma,

[...] o período do Estágio/Prática de Ensino, mesmo que transitório, pode tornar-se um exercício de participação, de conquista e negociação sobre as aprendizagens profissionais que a escola pode proporcionar. O que dá sentido às atividades práticas dos cursos de formação é esse movimento que acontece a partir das leituras, práticas, saberes e conhecimentos, que se confrontam e se inter cruzam (LIMA, 2008, p. 201).

Diante dos registros apontados na contribuição do estágio tomando como referência o ambiente macro (a escola), propomos aos professores a pensarem sobre as possíveis relações construídas durante o estágio: *Em que o estágio contribui para sua ação docente?*

É nessa perspectiva que levamos o professor a refletir sobre o estágio enquanto elemento contribuinte no desenvolvimento do seu fazer pedagógico.

Se observarmos o teor das respostas dadas pelos professores, podemos considerar que, para a maioria destes (quatro professores), os pontos fortes da realização do estágio estão na apresentação de novas metodologias, novas ideias para o trabalho com conteúdos na sala de aula. O “como fazer” ocupa inteiramente o espaço do “o que fazer” e do “para que fazer”. E os professores revelam que o estágio:

[...] Traz sempre inovação no modo de trabalhar os conteúdos e me dá incentivo a procurar boas ideias para o dia a dia na sala de aula (PROFESSOR B).

[...] É no período do estágio que os estagiários procuram inovar as aulas com dinâmicas, apresentação de *slide* (PROFESSOR D).

Contribui nas novas formas de utilizar e de abordar de forma articulada alguns conteúdos (PROFESSOR E).

[Permite] uma constante busca de melhorias para a minha prática de ensino, resgatando sempre novos métodos e novas competências (PROFESSOR F).

É importante ressaltar o que o Professor A destaca que o estágio contribui “na atualização/ressignificação de conhecimentos teóricos e práticos; na ampliação da reflexão sobre a prática pedagógica”, ao tempo em que o Professor C complementa que o estágio é a “universidade aproximando-se da comunidade escolar”. Com essas falas, podemos destacar que o estágio proporciona ao professor compreender que o conhecimento sobre a ação docente é algo que está em constante mutação. Assim, o professor apresenta-se como parte integrante da construção desse conhecimento, além de que a reflexão sobre a prática possibilita a incorporação de novas ideias, novos conceitos e novas práticas. Logo, teoria e prática, para Pimenta (2001), se constituem como uma unidade indissociável para a transformação da realidade escolar. E complementa que

A educação é uma prática social. Mas a prática não fala por si mesma. Exige uma relação teórica com ela. A Pedagogia, enquanto ciência (teoria), ao investigar a educação enquanto prática social, coloca os “ingredientes teóricos” necessários ao conhecimento e à intervenção na educação (prática social (p. 93-94).

As discussões apresentadas aqui demonstram o que colocamos como elementos norteadores deste último bloco de perguntas do questionário: a percepção que o professor tem sobre sua própria profissão e dos processos formativos decorrentes da interação com estagiários, estes últimos enquanto futuros professores.

Conforme Lima (2012, p. 39), o estágio possui lições formativas que favorecem a reflexão da prática, dos professores enquanto indivíduos e profissionais, dos conhecimentos e da resignificação de saberes. Nessa perspectiva, questionamos aos professores: *O estágio lhe proporciona alguma aprendizagem?*

Qual(is)?

Atentas às falas das docentes, destacamos o que expõe o Professor B, ao afirmar: “Me permite tempo para registro do desenvolvimento dos alunos, faço adaptações daquilo que o estagiário propõe ao aluno, lido melhor com problemas de indisciplina”. É válido salientar, a partir dessa colocação, que o professor da escola-campo se apoia no trabalho desenvolvido durante o estágio para a sua ação docente, refletindo sobre os caminhos pedagógicos do seu trabalho e da sua profissão, sendo, portanto, um processo de autoformação (LIMA, 2012, p. 39). Associado a essa ideia, está o pensamento do Professor C: “Cada educador tem um jeito de ‘ensinar’, de ‘fazer’, e é nessa troca que evoluímos, crescemos e aprendemos. Em educação, estamos sempre aprendendo uns com os outros”.

Ao relacionarmos tais ideias, percebemos que ambas se aproximam das discussões apresentadas por Lima (2012, p. 75), ao afirmar que

A conversa estabelecida entre o professor da escola-campo e o estagiário é muito mais do que uma atividade rotineira de operacionalidade docente. É a possibilidade

de aprendizagem, de trocas de experiência, crescimento mútuo com os percursos, com significações dadas à profissão e com as práticas pedagógicas, que foram surgindo no cotidiano e nas relações com a escola, sua comunidade e seu contexto.

Assim, consoante ao que destaca a esta autora, o professor passa a perceber que a prática sem reflexão desvinculada da teoria não possibilita compreender a realidade que o cerca. Logo, "este profissional precisa da teoria para iluminar a sua prática" (p. 29), em um processo contínuo de ressignificação das práticas e dos saberes.

Nesse sentido, destacam os demais professores, quando questionados:

Há um melhoramento da utilização do concreto para simplificar de forma lúdica determinados conteúdos, principalmente questões lógicas e matemáticas (PROFESSOR E).

Certamente que sim. Aprendo novas técnicas e estratégias de ensino para motivar os alunos em sala de aula (PROFESSOR F).

Sim. O enriquecimento de práticas subsidiadas por teorias atualizadas e novas concepções sobre futuros educadores (PROFESSOR D).

Proporciona sim, especialmente nas propostas de pesquisas educacionais de ensino. A escola, em especial a sala de aula, é um local fundamental de aprendizagem profissional (PROFESSOR B).

A partir de tais reflexões e em paráfrase a Lima (2008, p. 203), percebemos que as atividades de investigação desenvolvidas durante o estágio permitem o manifestação de implicações na promoção de novas atividades, com o intuito de analisar e relacionar esse conhecimento construído a conhecimentos anteriores, atribuindo-lhe significado. Nesse viés, em decorrência do estágio, o professor passa a visualizar suas ações e direcioná-las com o apoio de atividades de investigação, por possibilitarem vislumbrar as possíveis dificuldades encontradas no processo de ensino-aprendizagem e saná-las na formação de novos conceitos e atitudes. Eis aqui uma aprendizagem mobilizada no estágio, à qual Lima (2012, p. 30) aponta na concepção do "Estágio como pesquisa".

Por fim, estreitamos a mobilização das aprendizagens da profissão docente no questionário, ao perguntarmos aos professores: *Como essas aprendizagens contribuem para a sua prática docente?*

Destacamos, inicialmente o que apresentam os Professores B e C:

Procuro atualizar meus conhecimentos para transformar a dinâmica da sala de aula (PROFESSOR B).

É a consolidação, é a reflexão, a ressignificação de saberes, é a possibilidade de autoavaliação (PROFESSOR C).

Conforme apresentaram os professores supracitados, o estágio possibilita ainda uma segunda aprendizagem: se o estágio é a atividade teórica instrumentalizadora da práxis (PIMENTA, 2001, p. 21), logo o professor compreende que não há teoria sem prática, nem prática sem teoria: ambas se complementam compondo uma unidade, pois, para Lima (2012, p. 24), “a hora da prática é também a hora da teoria”, sobretudo quando percebemos, de acordo com os professores, que o estágio permite a busca pelo novo, pela atualização e pela ressignificação proporcionada pela autoavaliação.

Porquanto, os Professores D, E e F ressaltam:

Me sinto como um mediador auxiliar entre a teoria e a prática, proporcionando sempre uma reflexão do que se faz e como se pode melhorar o trabalho pedagógico desenvolvido em sala de aula (PROFESSOR D).

Possibilitam a reflexão por meio da práxis pedagógica, de forma a melhorar o processo de ensino-aprendizagem (PROFESSOR E).

Como uma ferramenta de análise sobre a minha prática de ensino no cotidiano (PROFESSOR F).

O que queremos evidenciar nestas ponderações feitas pelos professores é que o estágio proporciona também observar que “a hora da prática é uma oportunidade de práxis docente” (LIMA, 2012, p. 27), uma vez que os professores apontam que o estágio possibilita a reflexão sobre a prática. Reflexão esta que faz estes profissionais buscarem fundamentos teóricos e metodológicos no conhecimento teórico, para uma possível utilização nas atividades em sala de aula. Nesse processo de relação prática-teoria-prática, a ação docente busca imbuir-se o conhecimento para intervir no cotidiano escolar.

Nesse sentido, é somente por meio da indissociabilidade entre teoria e prática “[...] que a Pedagogia pode dar conta de conhecer e estabelecer as finalidades (atividade teórica) conjugadas às necessidades e possibilidades materiais para fazer da educação (práxis educativa) o processo de humanização do homem” (PIMENTA, 2001, p. 98).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que o nosso papel consistia em colaborar com o departamento no qual aprendemos e ensinamos, no sentido de deixar provocações a partir da análise dos dados que realizamos neste estudo.

No que se refere ao objetivo geral, propúnhamos analisar as contribuições do estágio para as escolas-campo para compreender que aprendizagens são mobilizadas nesses espaços. O cerne desse objetivo abordou duas categorias que percorreram todo o trabalho, uma vez que as aprendizagens da profissão docente foram ressaltadas na fala dos professores e, a partir destas, foi demonstrado que o estágio contribui para as escolas-campo por meio da relação entre professor e estagiário, numa relação de troca de experiências, sobretudo pela relação teoria-prática, na realização da práxis docente. A partir disso, foi possível

compreender também a importância do momento do estágio e da presença estagiário como elementos que estimulam a vontade incessante de aprender e de perceber que o conhecimento é mutável, a ponto de pensarmos em novas ações para o processo de ensino-aprendizagem.

Ora, se compreendemos que a profissão docente oportuniza ensinar e aprender sempre, é possível pensar que o professor da escola-campo, além de ser um sujeito que acolhe o estagiário, é também um importante mediador quando se refere ao conhecimento da profissão, nas mais diversas dimensões. O momento do estágio é, destarte, muito mais do que a parte prática de um curso de formação, pois não há como pensar na profissão docente apenas enquanto reprodução de ideias, sem relacioná-las às teorias, no intuito de proporcionar novas ações e novas formas de pensar.

Nesse sentido, a partir das ideias que os professores das escolas-campo apresentaram sobre o estágio, pudemos compreender a forma como o concebem, sobretudo diante das discussões sobre a relação teoria-prática estabelecidas no espaço educativo. Vimos, no constructo das enunciações, reflexos dos seus respectivos tempos de formação escolar/acadêmica e até mesmo o que pensam sobre a profissão desde o processo formativo (estágio e curso superior) à ação docente de modo efetivo nas escolas públicas de Valença.

Frente a isso, pudemos perceber que as concepções de estágio apresentadas nas falas dos professores consultados decorreram de uma história, cujas bases se desenvolveram em torno da dissociação teoria-prática e que ainda permanecem como legados nas suas respectivas formas de pensar. Nessa perspectiva, não é raro notar que outros professores que participaram da pesquisa concebem o estágio como a oportunidade de relacionar as teorias com as práticas, em um movimento constante na busca de desenvolver atividades para um melhor ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, a dinâmica da reflexão diante das atitudes/atividades do professor nos faz perceber que a profissão docente possibilita a realização da práxis, uma vez que, na "avaliação" do seu fazer pedagógico, além de possibilitar rever e/ou modificar as ações, permite também transformar seu contexto de inserção, num "ir e vir" frente ao conhecimento e na relação deste com o processo de ensino-aprendizagem. Assim, é possível aprender na profissão docente, que a mutabilidade do conhecimento é um indicativo de que o espaço escolar é propício à realização de atividades investigativas.

É facilmente percebido na fala dos docentes entrevistados que o *campus* XV vem desenvolvendo o estágio (nos mais diversos espaços) tomando por base os fundamentos da práxis docente, sobretudo por desenvolver projetos de intervenção, cujas ações seguem a orientação metodológica da pesquisa do estágio na formação do estagiário (futuro professor), para que este possa compreender e problematizar situações reais de ensino, possibilitando a consolidação de tal concepção durante o curso de Pedagogia.

Portanto, "a beleza de ser um eterno aprendiz"[iii] e o fato de sermos "eternos estagiários da vida"[iv], nos fazem pensar nas possibilidades de reflexão que essa pesquisa oportuniza aos professores e estudantes do Departamento de Educação – DEDC/*Campus* XV e, com esse intuito, pudemos pensar no que levaremos à vida profissional que se inicia após a conclusão do curso de Pedagogia. Assim, a relação entre a escola e a universidade possibilita não somente entrelaçar culturas, formas de agir e pensar. Permite também fazer com que este último indague sobre o seu papel enquanto espaço destinado à formação de professores.

E que os desafios do estágio e da profissão docente não cessem, pois, inspiradas na mensagem deixada por um dos professores que responderam aos questionários, compreendemos que “ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira, às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática” (FREIRE, 1991, p. 58).

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

LIMA, M. S. L. **O estágio e a aprendizagem da profissão docente**. Brasília: Liber Livro, 2012.

_____. **Reflexões sobre o Estágio/Prática de Ensino na formação de professores**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 8, n. 23, p. 195-205, jan./abr. 2008.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de Professores: Unidade teoria e prática?** 4 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência: diferentes concepções**. São Paulo: Revista Poésis, v. 3, n. 3 e 4, p.5-24, 2005.

[i] Licenciada em Pedagogia – Docência e Gestão de Processos Educativos, pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Departamento de Educação/*Campus* XV – Valença. Licenciada em Letras Vernáculas e Especialista em Estudos Linguísticos e Literários pela Faculdade de Ciências Educacionais – FACE. Professora de Língua Portuguesa na Educação Básica, da Secretaria da Educação do Estado da Bahia.

[ii] Doutoranda pelo Programa Educação: Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - DEDC XV – Valença/BA. Membro do Grupo de Pesquisa Formação de Professores e Cotidiano Escolar ligado à Linha de Pesquisa: Formação de Professores e Escola brasileira: Políticas, Movimentos e Práticas – Coordenado pela Profa. Dra. Marina Graziela Feldmann.

[iii] Citamos aqui um trecho de “O que é, o que é”, canção composta em 1982 por Gonzaguinha, músico e poeta brasileiro.

[iv] Lima (2008, p. 203).

Recebido em: 27/06/2014

Aprovado em: 28/06/2014

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: